

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



DOROTHY TEM QUE

MORRER



ROCCO
JOYENS LITÓRIES

DANIELLE PAIGE



DOROTHY TEM QUE



MORRER



DANIELLE PAIGE

Tradução de
CLÁUDIA MELLO BELHASSOF

ROCCO
JOVENS LEITORES

UM

Descobri que eu era um lixo três dias antes do meu aniversário de nove anos – um ano depois que o meu pai perdeu o emprego e se mudou para Secaucus para morar com uma mulher chamada Crystal e quatro anos antes de a minha mãe sofrer o acidente de carro, começar a tomar remédios e usar exclusivamente pantufas em vez de sapatos normais.

Fui informada da minha característica de lixo no playground por Madison Pendleton, uma garota num conjunto de moletom rosa que se achava o máximo porque sua casa tinha um banheiro e meio.

– Amy Esmola é Lixo de Trailer – disse ela às outras garotas no trepa-trepa enquanto eu me pendurava pelos joelhos de cabeça para baixo e cuidava da minha vida, com o rabo de cavalo arrastando na areia. – Isso significa que ela não tem dinheiro e todas as suas roupas são sujas. Vocês não deviam ir à festa dela, senão vão ficar sujas também.

Quando chegou a hora da minha festa de aniversário naquele fim de semana, todo mundo tinha dado ouvidos a Madison. Minha mãe e eu estávamos sentadas à mesa de piquenique na Área de Recreação Comunitária Móvel de Dusty Acres, usando nossos tristes chapéus de festa, nosso bolo sem recheio acumulando poeira. Éramos só nós duas, como sempre. Depois de uma hora na esperança de alguém finalmente aparecer, minha mãe suspirou, me serviu mais um copão de Sprite e me abraçou.

Ela me disse que, não importa o que falassem na escola, o trailer era onde eu morava, não quem eu era. E também que a nossa era a melhor casa do mundo porque podia ir a qualquer lugar.

Mesmo criança, eu era inteligente o suficiente para argumentar que nossa casa se firmava sobre tijolos, não sobre rodas. Sua mobilidade era gravemente exagerada. Minha mãe não teve uma boa resposta para isso.

Ela demorou para me dar uma resposta melhor até o Natal daquele ano, quando estávamos vendo *O mágico de Oz* na televisão grande de tela plana – a única coisa física que sobrou da nossa antiga vida com o meu pai.

– Viu? – disse ela, apontando para a tela. – Você não precisa de rodas na casa pra ir a um lugar melhor. Tudo que precisa é de alguma coisa pra te dar um empurrãozinho.

Acho que ela não acreditava nisso, mesmo naquela época, mas pelo menos naqueles dias ela se importava o suficiente para mentir. E, apesar de eu nunca ter acreditado num lugar como Oz, eu acreditava nela.

Isso foi há muito tempo. Várias coisas mudaram desde então. Minha mãe já não era mais a mesma pessoa. Por outro lado, eu também não.

Não me preocupei mais em tentar fazer Madison gostar de mim e não ia chorar por causa de um bolo. Eu não ia chorar e ponto. Naqueles dias, minha mãe estava perdida demais no próprio mundo para pensar em me animar. Eu estava sozinha, e não valia a pena chorar.

Com ou sem lágrimas, no entanto, Madison Pendleton ainda encontrava maneiras de tornar minha vida miserável. No dia do tornado – apesar de eu ainda não saber que o tornado estava vindo –, ela estava encostada no seu armário depois do quinto tempo de aula, alisando a enorme barriga de grávida e fofocando com a melhor amiga dela, Amber Boudreaux.

Eu tinha descoberto há muito tempo que era melhor simplesmente ignorá-la sempre que eu pudesse, mas Madison era o tipo de pessoa meio impossível de ignorar, mesmo em circunstâncias normais. Agora que ela estava com oito meses e meio de gravidez, era realmente impossível.

Hoje, Madison vestia uma camiseta minúscula que mal cobria seu diafragma. Tinha “Quem é a Mamãe” escrito sobre os peitos em glitter rosa com letras cursivas. Fiz o máximo para não encarar enquanto me esgueirava por ela a caminho da aula de espanhol, mas, de algum jeito, senti meus olhos subindo, passando pela sua barriga até seu peito e, depois, seu rosto. Às vezes, simplesmente não dá para evitar.

Ela já estava me encarando. Nossos olhares se encontraram por uma fração de segundo. Congelei.

Madison me lançou um olhar furioso.

– O que você está olhando, Lixo de Trailer?

– Ah, me desculpa. Eu fiquei encarando? Só estava me perguntando se *você* era a Mãe Adolescente que eu vi na capa da revista *Star* esta semana.

Eu não queria perseguir Madison, mas às vezes meu sarcasmo assumia vida própria. As palavras simplesmente escapavam.

Madison me dirigiu um olhar vazio. E bufou.

– Eu nem sabia que você tinha dinheiro pra comprar um exemplar da *Star*. – Ela se virou para Amber Boudreaux e parou de alisar a barriga apenas o suficiente para dar um tapinha delicado nela. – Amy Esmola está com ciúme. Ela tem uma queda pelo Dustin desde sempre. Ela queria que esse bebê fosse dela.

Eu não tinha uma queda por Dustin, definitivamente não queria um bebê e de jeito nenhum queria um bebê de Dustin. Mas isso não impediu meu rosto de ficar vermelho.

Amber estourou sua bola de chiclete e deu um sorriso maligno.

– Sabe, eu a vi conversando com Dustin no terceiro tempo – disse ela. – Estava toda derretida. – Amber fez um beicinho e empurrou os peitos para a frente. – Ah, Dustin, eu te ajudo com a álgebra.

Eu sabia que estava corando, mas não tinha certeza se era de vergonha ou raiva. Era verdade que eu tinha deixado Dustin copiar meu dever de matemática mais cedo naquele dia. Mas, por mais que Dustin fosse bonitinho, eu não era burra o suficiente para achar que um dia teria alguma chance com ele. Eu era a Amy Esmola, a garota Lixo de Trailer sem peito cujas roupas eram

sempre um pouco grandes demais e muito velhas. Que não tinha um amigo de verdade desde o terceiro ano.

Eu não era o tipo de garota por quem Dustin se interessaria, com ou sem a existência de Madison Pendleton. Ele “pegava emprestado” meu dever de álgebra quase diariamente durante o ano todo. Mas Dustin nunca olharia para mim desse jeito. Mesmo com os dezoito quilos a mais da gravidez, Madison brilhava como as palavras no seu peito enorme. Havia glitter na sua sombra dos olhos, no gloss labial, no esmalte das unhas, pendurado nas orelhas em argolas que esbarravam nos ombros, balançando nas pulseiras exageradas. Se as luzes se apagassem no corredor, ela poderia iluminá-lo como uma bola de espelhos humana. Como uma ostentação humana. Enquanto isso, a única cor que eu tinha a oferecer estava no meu cabelo, que eu tinha acabado de pintar de rosa dias antes.

Eu era muito afiada – as palavras saíam rápido demais e nas horas erradas. E eu era desengonçada. Se Dustin gostava de coisas brilhantes como Madison, nunca se interessaria por mim.

Não sei se eu estava exatamente interessada em Dustin também, mas tínhamos uma coisa em comum: nós dois queríamos sair de Flat Hill, Kansas.

Durante um tempo, pareceu que Dustin também ia conseguir. Às vezes, tudo que você precisa é de um empurrãozinho. Às vezes é um tornado; outras, é o tipo de braço direito que o ajuda a conseguir uma bolsa de estudos como jogador de futebol americano. Ele tinha tudo pronto para ir. Até oito meses e meio atrás, na verdade.

Não sei o que era pior: ter uma chance e estragá-la ou nunca ter a chance.

– Eu não estava... – protestei. Antes que eu pudesse terminar, Madison estava grudada em mim.

– Escuta, Grudenta Idiota – disse ela. Senti uma gota do seu cuspe atingir meu rosto e resisti à vontade de limpá-lo. Eu não queria dar essa satisfação a ela. – Dustin é meu. Vamos nos casar assim que o bebê nascer e eu couber no vestido de noiva da minha tia Robin. Então é melhor você ficar longe dele... não que ele se interessasse por alguém como você, de qualquer maneira.

A essa altura, todos no corredor tinham parado de olhar para os armários e estavam olhando para nós. Madison estava acostumada a ser o centro das atenções – mas isso era novo para mim.

– Escuta – murmurei de volta para ela, querendo acabar com a discussão. – Foi só o dever de casa. – Senti meu mau humor aumentar. Eu só estava tentando ajudá-lo. Não porque eu tinha uma queda por ele. Só porque ele merecia uma folga.

– Ela pensa que Dustin precisa da ajuda dela – intrometeu-se Amber. – Taffy me disse que ouviu Amy se oferecer pra ser *monitora* dele depois da aula. Só uma pequena orientação acadêmica cara a cara. – Ela gargalhou alto. Pronunciou “ser monitora” como se eu tivesse dançado no colo de Dustin na frente de todo mundo no quarto tempo.

De qualquer maneira, eu não tinha oferecido. Ele pediu. Não que isso importasse. Madison já estava fumegando.

– Ah, ela fez isso, é? Bom, por que eu não monitoro um pouco essa vagabunda?

Virei para me afastar, mas Madison me agarrou pelo pulso e me puxou para encará-la. Ela estava tão perto de mim que seu nariz quase encostava no meu. Seu hálito tinha cheiro de balas azedinhas e gloss labial sabor kiwi e morango.

– Quem você pensa que é, tentando roubar meu namorado? Sem falar que ele é pai do meu bebê!

– Ele me pediu – respondi baixinho, de modo que só Madison pudesse escutar.

– O quê?

Eu sabia que devia calar a boca. Mas não era justo. Eu só havia tentado fazer uma coisa boa.

– Não ofereci. Ele me pediu ajuda – falei, mais alto desta vez.

– E o que ele poderia achar tão interessante em você? – soltou ela, como se Dustin e eu pertencêssemos a espécies totalmente diferentes.

Era uma boa pergunta. Do tipo que atinge a ferida. Mas uma resposta surgiu na minha cabeça, bem na hora, não dois segundos depois de Madison sair

balançando pelo corredor. Eu sabia que era maldade, mas escapou voando da minha boca antes que eu tivesse chance de pensar duas vezes.

– Talvez ele simplesmente quisesse conversar com alguém do tamanho dele.

A boca de Madison abriu e fechou sem dizer nada. Dei um passo para trás, pronta para me afastar com minha pequena vitória. E aí ela girou, tensa, e – antes que eu conseguisse me abaixar – me deu um soco bem no maxilar. Senti minha cabeça latejar quando cambaleei para trás e caí de bunda.

Era minha vez de ficar surpresa, olhando para ela com uma confusão impressionada e tonta. Isso tinha acabado de acontecer? Madison sempre foi uma vaca total, mas – além dos esbarrões intencionais com o ombro no vestiário feminino – não era do tipo violento. Até agora.

– Talvez fossem os hormônios da gravidez.

– Retire o que disse – exigiu ela enquanto eu começava a me levantar.

Pelo canto do olho, vi Amber um segundo tarde demais. Sempre disposta a aproveitar a influência da melhor amiga, ela me agarrou pelo cabelo e me empurrou de volta para o chão.

Os gritos de “Briga! Briga! Briga!” ecoaram nos meus ouvidos. Verifiquei se estava sangrando, aliviada ao perceber meu crânio intacto. Madison deu um passo à frente e se assomou sobre mim, pronta para o próximo round. Atrás dela, vi que uma enorme multidão se reunira ao nosso redor.

– Retire o que disse. Não sou gorda – insistiu Madison. Mas seu lábio tremeu um tiquinho na palavra com g. – Posso estar grávida, mas ainda sou tamanho 36.

– Chuta ela! – sibilou Amber.

Eu me afastei da sua sandália enfeitada com pedras e me levantei bem na hora em que o diretor assistente, sr. Strachan, apareceu, cercado por dois seguranças. A multidão começou a se dispersar, resmungando que o espetáculo tinha acabado.

Madison rapidamente recuou o braço que usou para me socar e voltou a alisar a barriga e arrulhar. Ela comprimiu o rosto numa careta de dor, como

se estivesse lutando contra lágrimas. Revirei os olhos. Eu me perguntei se ela conseguiria realmente produzir lágrimas.

O sr. Strachan olhou de mim para Madison e de volta para mim, com seus óculos com armação de metal.

– Sr. Strachan – disse Madison, tremendo. – Ela veio pra cima de mim! De nós! – Madison deu um tapinha protetor na barriga, deixando claro que, atualmente, ela falava por duas pessoas.

Ele cruzou os braços e desceu o olhar até onde eu ainda estava agachada. Madison o pegou de jeito quando disse “nós”.

– Sério, Amy? Brigar com uma garota grávida? Você sempre teve dificuldade pra ficar de boca fechada quando deve, mas isso é baixo, até mesmo pra você.

– Ela deu o primeiro soco! – gritei. Não importava. O sr. Strachan já estava me puxando para me levar até o gabinete do diretor.

– Achei que você poderia ser a pessoa melhor num momento como esse. Acho que te superestimei. Como sempre.

Enquanto eu me afastava, olhei por sobre o ombro. Madison tirou a mão da barriga só para me dar um aceno convencido. Como se ela soubesse que eu não ia voltar.

Quando saí para a escola naquela manhã, minha mãe estava sentada no sofá havia três dias. Nesses três dias, ela não tomou nem um banho, não disse quase nada e – até onde eu sei – só tinha consumido metade de um maço de cigarros e alguns punhados de salgadinhos Bugles. Ah, e os remédios que tomava. Eu nem sei quando ela se levantou para fazer xixi. Ela só ficou ali sentada vendo TV.

Antes eu tentava descobrir o que havia de errado quando ela ficava assim. Era o clima? Ela estava pensando no meu pai? Eram apenas os remédios? Ou havia algo mais que a transformava numa lesma humana?

Agora, no entanto, eu estava acostumada a ponto de saber que não era nada disso. Ela simplesmente ficava assim às vezes. Era sua versão de acordar com o pé esquerdo e, quando isso acontecia, você tinha que deixá-la sair

do transe. Sempre que acontecia, eu me perguntava se, desta vez, ela ficaria assim *para sempre*.

Então, quando abri a porta do nosso trailer uma hora depois da minha reunião com o diretor, carregando todos os livros do meu armário numa sacola preta – eu tinha sido suspensa pelo resto da semana –, fiquei surpresa de ver que o sofá estava vazio, exceto por uma daquelas cobertas com mangas que minha mãe tinha comprado pela TV com um dinheiro que a gente não tinha.

No banheiro, ouvi minha mãe se movimentando: a torneira aberta, o barulho de maquiagem de farmácia em cima de um balcão minúsculo. Achei que ela havia saído do buraco de novo, afinal. Não que isso fosse sempre uma coisa boa.

– Mãe? – chamei.

– Merda! – gritou ela, seguida do som de alguma coisa caindo na pia. Ela não saiu do banheiro e não perguntou o que eu estava fazendo em casa tão cedo.

Deixei minha mochila e minha sacola preta no chão, tirei o tênis e olhei para a tela. Al Roker estava apontando para minha cidade num daqueles grandes mapas falsos. Ele estava com a testa franzida.

Acho que eu nunca tinha visto o Homem do Tempo da América franzir a testa. Ele não devia nos tranquilizar? Não era, tipo, função dele nos fazer sentir que tudo, inclusive o clima, ia melhorar logo? Se não amanhã, em algum momento da previsão para dez dias?

– Ei – disse minha mãe. – Você ouviu? Tem um tornado a caminho!

Não fiquei muito preocupada com isso. Eles sempre previam desastres aqui, mas, apesar de algumas cidades próximas terem sido atingidas algumas vezes, Dusty Acres sempre fora poupada. Era como se tivéssemos o clichê para nos proteger – Tornado Varre um Estacionamento de Trailers e Deixa Apenas uma Churrasqueira Virada. Isso é algo que acontece nos filmes, não na vida real.

Minha mãe saiu do banheiro, mexendo no cabelo. Fiquei feliz de vê-la de pé outra vez, de banho tomado e com o rosto maquiado, mas tive que fazer uma careta quando vi o comprimento da sua saia. Era mais curta do que qual-

quer coisa que eu tinha. Era mais curta do que qualquer coisa que Madison Pendleton tinha. Isso só podia significar uma coisa.

– Aonde você vai? – perguntei, apesar de saber a resposta. – Você fica três dias a um passo do coma e, agora, está indo pro bar?

Não era surpresa. No mundo da minha mãe, só havia dois cenários: o sofá e o bar. Se ela não estava em um, estava no outro.

Ela soltou um suspiro irritado.

– Não começa. Achei que você ia ficar feliz de me ver animada de novo. Você prefere que eu fique só deitada no sofá? Bom, talvez você fique feliz de andar pela casa o dia todo, mas *algumas* pessoas têm vida. – Ela afofou o cabelo já penteado para o outro lado e começou a procurar a bolsa.

Havia tantas coisas erradas em tudo que ela acabara de dizer que eu nem conseguia começar a processar todas as maneiras que isso me enfurecia. Em vez disso, decidi tentar o argumento sensato.

– Foi você que acabou de me dizer que tem um tornado a caminho. É perigoso. Você pode ser atingida por uma árvore ou qualquer coisa assim. Tawny não entenderia isso?

– É uma festa do *tornado*, srta. Espertinha – disse minha mãe, como se isso explicasse as coisas. Seus olhos injetados de sangue se iluminaram quando ela viu a bolsa no chão ao lado da geladeira e a colocou sobre o ombro.

Eu sabia que não adiantava argumentar quando ela ficava assim.

– Você precisa assinar isso – exigi, segurando o pedaço de papel que o sr. Strachan tinha me dado. Era para mostrar que ela entendia o que eu supostamente tinha feito hoje e quais eram as consequências. – Fui suspensa – contei para ela.

Ela levou alguns segundos para reagir, mas, quando o fez, seu rosto não registrou surpresa nem raiva, apenas uma irritação pura.

– Suspensa? O que você fez? – Minha mãe me empurrou para o lado para pegar suas chaves. Como se eu fosse só uma coisa que estava no caminho de algo que ela queria.

Se morássemos numa casa normal, com um banheiro e meio, me perguntei, ela ainda me odiaria tanto? Será que o ressentimento era algo que se de-

se envolvia melhor em espaços apertados, como aquelas flores que minha mãe costumava obrigar a crescer dentro de vasinhos pequenos?

– Entrei numa briga – falei sem emoção. Minha mãe continuou me encarando. – Com uma garota grávida.

Ao ouvir isso, minha mãe soltou um suspiro longo e olhou para o teto.

– Ah, que ótimo – disse ela, com a voz repleta de algo mais do que preocupação materna.

Eu poderia ter explicado a ela. Poderia ter contado exatamente o que aconteceu; que não foi culpa minha. Que eu nem tinha batido em ninguém.

Mas a questão é que, naquele momento, eu meio que gostava da ideia de deixá-la achar que eu tinha feito alguma coisa errada. Se eu era o tipo de pessoa que entrava em brigas com garotas grávidas, a culpa era dela. E da sua absoluta falta de habilidade maternal.

– Quem era? – minha mãe exigiu saber, com a bolsa plástica batendo no balcão.

– Madison Pendleton.

Ela estreitou os olhos, mas não para mim. Ela estava tentando se lembrar de Madison.

– Claro. Aquela vaca cor-de-rosa que estragou sua festa de aniversário.

– Minha mãe fez uma pausa e mordeu o lábio. – Você entende, não é? Ela já está colhendo o que plantou. Você não precisa ajudar.

– Do que você está falando? Fui eu que fui suspensa.

Minha mãe balançou a mão no ar, imitando uma barriga de grávida.

– Dou um ano pra ela. No máximo dois, antes de arrumar um trailer ali na esquina. Aquele garoto dela não vai ficar. E ela vai ser abandonada com um belo carma.

Balancei a cabeça.

– Ela está andando por aí como se fosse o presente de Deus. Como se ela e Dustin ainda fossem ser rei e rainha do baile de formatura.

– Rá! – Minha mãe uivou. – Agora. Mas, no instante em que aquela criança chegar, a vida dela vai acabar. – Houve uma pausa longa.

Por uma fração de segundo, pensei em como as coisas costumavam ser. Minha mãe de *antes*. Aquela que secava as minhas lágrimas e me desafiou para um campeonato de comer bolo naquele aniversário fatídico.

– Mais bolo pra nós – dissera ela. Isso foi quando eu tinha nove anos. Depois que meu pai foi embora, mas antes do acidente e dos remédios. Foi a última vez em que ela se preocupou com o meu aniversário.

Eu não sabia o que fazer quando ela agia assim. Quando estávamos quase tendo uma conversa normal. Quando ela quase parecia se importar. Quando eu via um relance de quem ela costumava ser. Eu sabia que não valia a pena, mas me apoiei no balcão da pequena cozinha mesmo assim.

– Num segundo, você tem tudo, sua vida toda está diante de você – disse ela, afofando o cabelo no reflexo do fogão. – E aí, bum. Eles simplesmente sugam tudo, como pequenos vampiros, até não sobrar nada de você.

Ficou claro que ela não estava mais falando de Madison. Ela estava falando de mim. Eu era sua pequena vampira.

A raiva corroeou meu peito. Minha mãe consegue transformar qualquer situação em mais uma desculpa para sentir pena de si mesma. Para me culpar.

– Obrigada, mãe – falei. – Você está certa. Fui eu que estraguei sua vida. Não foi você. Não foi meu pai. Tomar conta de você todos os dias desde que eu tinha treze anos foi meu plano maligno pra estragar tudo pra você.

– Não seja tão sensível, Amy – bufou ela. – Nem tudo é sobre você.

– Tudo sobre mim? Como pode ser, se é sempre sobre você?

Minha mãe me olhou com raiva, e aí ouvimos uma buzina lá fora.

– Não sou obrigada a ficar aqui ouvindo isso. Tawny está esperando. – Ela disparou para a porta.

– Você simplesmente vai me deixar no meio de um tornado?

Não é que eu me importasse com o clima. Eu não esperava que fosse grande coisa. Mas eu queria que ela se importasse; queria que ela estivesse correndo em círculos, pegando pilhas para lanternas e garantindo que teríamos água suficiente para durar a semana toda. Queria que ela cuidasse de mim. Porque é isso que as mães fazem.

Só porque eu tinha aprendido a cuidar de mim, isso não significava que eu não sentia o pânico se instalando todas as vezes que ela me deixava assim – totalmente sozinha, sem a menor ideia de quando ela ia voltar ou se ela ia voltar. Mesmo sem um tornado a caminho, era sempre uma pergunta em aberto.

– É melhor lá fora do que aqui dentro – soltou ela.

Antes que eu pudesse pensar numa resposta boa o suficiente, ela saiu.

Abri a porta enquanto ela entrava no banco da frente do Camaro de Tawny; observei minha mãe ajustar o espelho para si e a vi olhar de relance para mim, pouco antes de o carro sair em disparada.

Antes que eu pudesse ter a satisfação de bater a porta, o vento fez isso por mim. Parece que esse tornado estava a caminho, afinal.

Pensei em Dustin e em sua bolsa de estudos desperdiçada, e no meu pai, que me deixou para trás só para sair daqui. Pensei no que este lugar fazia com as pessoas. Com ou sem tornado, eu não era Dorothy, e uma tempestadezinha idiota não mudaria nada para mim.

Fui até o armário na cozinha, abaixei a tampa do fogão e abri a gaveta de cima, procurando a meia de ginástica vermelha e branca que estava gorda de dinheiro – o dinheiro que eu estava guardando para uma emergência havia anos: 347 dólares. Quando a tempestade terminasse, eu poderia comprar passagens de ônibus. Isso me levaria muito além de Topeka, que era o lugar mais distante que eu já fora. Eu podia deixar minha mãe se virar. Ela não me queria. A escola não me queria. O que eu estava esperando?

Minha mão atingiu o fundo da gaveta. Só encontrei meias.

Tirei a gaveta do lugar e a vasculhei. Nada.

O dinheiro havia sumido. Tudo que eu passei a vida economizando. Sumiu.

Não era nenhum mistério quem o tinha pegado. Era menos mistério ainda onde ela o gastara. Sem dinheiro, sem carro e sem ninguém para agitar a varinha mágica, eu estava presa aqui.

Mas não importava, de qualquer maneira. Ir embora era só uma fantasia.

Na sala de estar, Al Roker estava de volta à TV. O franzido na testa tinha desaparecido, mas, apesar de no seu rosto agora estar grudado um enorme

sorriso, seu maxilar tremia, e ele parecia prestes a começar a chorar a qualquer momento. Ele continuou tagarelando, falando e falando sobre isótopos e sistemas de pressão e se esconder no porão.

Que pena não haver porões nos estacionamentos de trailers, pensei.

E aí pensei: Manda ver. Não existe nenhum lugar como qualquer um menos aqui.

Título original
DOROTHY MUST DIE

Copyright © 2014 by Full Fathom Five, LLC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

“Edição brasileira publicada mediante acordo com a HarperCollins Children’s Books, uma divisão da HarperCollins Publishers.”

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

ROCCO
JOVENS LEITORES

GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EQUIPE EDITORIAL
Larissa Helena
Manon Bourgeade (arte)
Mílana Vargas
Viviane Maurey

PRODUÇÃO
Gilvan Brito (arte)
Silvânia Rangel (gráfica)

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Nina Lopes

REVISÃO
Armenio Dutra
Wendell Setubal

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P161d Paige, Danielle
Dorothy tem que morrer / Danielle Paige; tradução Cláudia Mello Belhassof. – Primeira edição. – Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.

Tradução de: Dorothy Must Die
ISBN 978-85-7980-273-7

1. Ficção americana. I. Belhassof, Cláudia Mello. II. Título.

16-30360

CDD - 813
CDU - 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.